

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no âmbito da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, e visa o levantamento dos pontos fracos e dos pontos fortes nas famílias do concelho. Sendo um projecto-piloto, - “Pais à Maneira” - este tem como intuito, de forma informal e agradável, ao longo de algumas sessões falarmos das nossas dúvidas, angústias; trocarmos experiências e aprendermos uns com os outros. O público-alvo é os pais, as mães, as avós, as tias...., enfim todos os que se relacionem com as crianças da Freguesia de Souselo.

Antes de partirmos para as sessões demo-nos conta que havia muita falta de coerência no saber ser e no saber fazer. Assim, e depois de fazer o levantamento, dividimos as sessões em três fases distintas: afectividade (a importância dos afectos e a importância de dizer não), bem comer e higiene (de fácil compreensão e apreensão). A quarta sessão será avaliativa em que se define se os objectivos a que nos propusemos foram atingidos.

1º Parte: Afectividade:

É indiscutível que todo o ser humano necessita de afecto, é uma conduta que está implícita em qualquer acto humano. Todos precisamos de um abraço, de um beijo, de uma carícia, de um alento, de uma palavra de conforto, de um olhar, de um contacto.

A dimensão sócio-afectiva implica, como conduta: “a capacidade ou competência para estabelecer um vínculo afectivo com outro”, o que supõe saber exprimir sentimentos, afectos e emoções. Esta dinâmica aprende-se, estimula-se e cultiva-se.

A procura da identidade própria supõe também um reconhecer-se “como” os outros e um diferenciar-se “de”os outros, sem rupturas nem de processo nem de compreensão. Junto a este progressivo reconhecimento pessoal deverão potenciar-se, para a sua auto-afirmação e consolidação, todas as possibilidades expressivas de si mesmo, possibilitando tanto a auto-aceitação como a elaboração de atitudes básicas de respeito, igualdade e complementaridade face aos outros. Este processo leva à tomada de consciência de que os “outros” são também “outros eu”, otimizando, assim, um

processo de socialização, potenciando relações, a integração grupal, a comunicação e a cooperação.

A educação da afectividade costuma ficar vinculada ao âmbito social, o que destaca, apenas, uma vertente da complexa realidade que realmente integra, ou seja, abrange tudo o que nos rodeia: escola, família, amigos, vida social, lazer. O desenvolvimento da afectividade é facilitado quando todos estes intervenientes têm um objectivo comum, a consolidação dos afectos.

Para este projecto em especial, interessa-nos em particular, a afectividade e a sua relação no binómio escola/família e vice-versa. Com efeito, seja qual for a dimensão prioritária de toda a conduta (cognitiva, motora...), a vivência afectiva (de satisfação, ou aversão) da própria conduta, os seus objectivos ou referências do contexto em que se realiza, a intencionalidade, efeitos ou motivos tudo está indissolúvelmente interligado nesse binómio.

Há que perceber que se dissermos NÃO, isso não significa que gostamos menos ou somos maus pais.

2º Parte: Higiene e alimentação:

Como facilmente o nome indica aqui focaremos a melhor maneira de se comer, o porque de se comer determinadas coisas em detrimento de outras; a interiorizarmos hábitos de higiene que, porventura poderão estar esquecidos.

Este projecto de Educação Parental – “Pais à Maneira” – não se esgota nestas singelas sessões, ficando em aberto outros sub-temas e o aprofundar dos mesmos.

Em anexo colocaremos os inquéritos feitos ao público-alvo e o porquê da escolha dos temas. A ter boa aceitação é um projecto a levar às outras freguesias do Agrupamento Vertical de Escolas de Souselo e, quiçá, ao resto do Concelho.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

São cada vez mais (re)conhecidas as dificuldades por que passam os pais ou outros responsáveis por crianças no que toca à sua educação. A sociedade moderna exige cada vez mais dos pais, enquanto educadores, ao mesmo tempo que coloca barreiras à sua participação plena na educação formal e informal dos filhos (e.g. horários de trabalho que dificultam uma satisfatória disponibilidade para a família). É também um facto de que, com alguma frequência, os pais delegam na escola a sua responsabilidade, ou seja, atribuem à escola um papel que, em primeira instância, é seu. Neste contexto, e enquadrado num modelo de prevenção do comportamento anti-social e/ou promoção do bem-estar emocional da criança e dos pais (Gaspar, 2003) e aumento da qualidade das relações familiares, implementámos um programa de Educação Parental. Entenda-se como educação de pais “um conjunto de actividades educativas e de suporte que ajudem os pais ou futuros pais a compreenderem as suas próprias necessidades sociais, emocionais, psicológicas e físicas e as dos seus filhos e aumente a qualidade das relações entre eles” (Pugh et al., 1997, citado por Gaspar, 2003).

Trata-se de um modelo de capacitação parental e não de um modelo de tipo compensatório, ou seja, centra-se nas potencialidades dos pais, naquilo que eles fazem bem, e não nas suas falhas.

Este programa assenta no pressuposto de que todos os pais e outros responsáveis pela guarda das crianças querem o melhor para as suas crianças e que as educam como sabem e/ou podem, por isso trata-se de auxiliá-los na sua missão de educadores fornecendo-lhes informação, orientação e suporte. É importante ajudar os pais a reconhecer que são eles os primeiros e principais agentes da socialização das crianças e que, conseqüentemente, as suas atitudes para com elas são determinantes para o seu desenvolvimento harmonioso.

O programa de educação parental em questão é de natureza educativa e não terapêutica uma vez que os participantes não estão a ser submetidos a nenhum tipo de tratamento.

2.1 - O que é uma *Família*?

Uma família é um conjunto de pessoas com características diferentes que complementam uma unidade estrutural, afectivo-emocional, e ambivalente, que intervém como uma unidade em sociedade (Musitu, Román & Gracia, 1988).

A família é um sistema organizado por sistemas interdependentes social, relacional, cultural, afectiva e geneticamente.

Dentro do núcleo “família” existem laços afectivos, as pessoas desempenham diferentes papéis, há um sentimento de pertença.

A família perspectiva-se como factor determinante para viver melhor, ser feliz e como lugar para mais e melhor diálogo entre pais e filhos, contribuindo para este o acompanhamento, a proximidade cultural, a interactividade e a autonomia.

O sistema familiar encara novas realidades: umas que se perspectivam em seu favor, como a maior intervenção dos pais na vida escolar dos filhos, uma crescente preocupação de formação e uma maior atenção da sociedade às necessidades da família; outras, tradicionalmente conhecidas, que a prejudicam.

De acordo com o autor supracitado, uma família é um par ou outro grupo de parentes adultos que cooperam na vida económica e na educação dos filhos, e a maior parte utiliza uma morada comum.

Assim, o conceito família engloba três características:

- Tem origem no matrimónio;
- É composta por marido, mulher e filhos nascidos desse casal, sendo possível que outros parentes vivam com eles;
- Os componentes ou membros estão unidos por laços legais, direitos e obrigações de tipo económico, religioso e outros laços. E também estão unidos por uma rede de direitos e proibições sexuais.

Desta forma, a família, enquanto caminho para a felicidade, deve ser vista sob ângulos diversos: primeiro, na medida em que caminha, movimenta-se no encaicho dessa felicidade; enquanto recebe uma herança pessoal e social que só uma educação responsável pode valorizar; enquanto resposta ao ser integral que queremos projectar pelo exemplo dos pais; como grupo vitalizante que é um impulso e fonte de apoio para os seu elementos e para as suas funções na sociedade.

2.1.1 - Socialização na família

A socialização é um processo através do qual as crianças adquirem o comportamento, habilidades, valores, crenças e padrões que são característicos, apropriados em sua cultura. Os agentes de socialização são indivíduos e instituições que participam do processo – pais, irmãos, companheiros, professores, membros da igreja que frequenta, a televisão e outros meios de comunicação (Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1995, p. 430). Embora todos esses agentes possam influenciar a criança de formas importantes, geralmente a família é a parte mais importante do seu ambiente. Por essa razão, em geral, é considerada como o agente primário de socialização, e o mais poderoso, que desempenha o papel chave na modelação da personalidade, das características e dos motivos, orientando o comportamento social e transmitindo os valores, crenças e normas da cultura.

É importante referir, no entanto, que os objectivos da socialização, isto é, os atributos e respostas sociais a serem adquiridos pela criança, variam de uma cultura para a outra, bem como as técnicas usadas para socializar a criança.

Além disso, embora o processo de socialização comece na infância, torna-se muito mais intenso e complexo à medida que a criança se desenvolve e as suas capacidades cognitivas aumentam. Assim, muitas qualidades sociais e pessoais, motivos e atitudes significativos são fortemente influenciados por aspectos gerais do ambiente familiar, práticas educativas e identificação com familiares.

Daí, será importante reflectir sobre determinadas questões, nomeadamente:

- Que tipos de ambientes e experiências familiares aumentam a aprendizagem da criança, o seu desenvolvimento emocional e social?

- Que experiências familiares são prejudiciais à sua personalidade e bem-estar?
- Será que as mudanças radicais na estrutura familiar que têm ocorrido nas últimas décadas – por exemplo, o aumento vertiginoso do número de divórcios, a paternidade assumida por uma única pessoa e o trabalho materno fora de casa – afectam, adversamente, o comportamento e o desenvolvimento da criança?
- Que papéis os irmãos e as irmãs desempenham na modelação do comportamento e da personalidade da criança?

Estas são apenas algumas das questões que devem merecer alguma atenção por parte de todos nós e de cada família em particular.

2.1.2 - Características da educação familiar

A família como modelo primeiro de toda a comunidade, constitui simultaneamente a trave mestra de toda a educação, já que representa o espaço vital dado à criança pela natureza (Hetzer, 1981, p. 399).

A família não é apenas procriar. Há uma interligação entre os seus membros, um sentimento de pertença, há laços afectivos. A criação e a educação também estão subjacentes ao conceito família, e são consideradas funções principais desta.

A educação na família tem subjacente para além de um instinto vital, sentimentos de amor, carinho, simpatia e responsabilidade.

Raramente os pais, principalmente a mãe, têm consciência da acção educativa. O que os fazem agir são os sentimentos instintivos profundos, a que Hetzer (1981) denomina de “instinto parental” e “instinto de assistência”.

Segundo as ideias de Gaaupp (1959, cit. Hetzer, 1981), a atitude educativa dos pais é uma unidade complexa fundamentada não apenas em instintos, mas também em hábitos, normas colectivas, planos reflectidos e outros.

Alguns autores norte-americanos realizaram investigações relacionadas com o sentimento maternal, e mostraram as inter-relações com os factores constitutivos e com as funções sexuais da mãe, evidenciando desta forma o aspecto biológico da atitude maternal.

Porém, a atitude educativa dos pais é, acima de tudo, uma fracção do seu carácter pessoal social e depende especialmente da maturidade da personalidade e da maturidade social dos educadores. A atitude educativa difere de acordo com as condições sócio-económicas. Se se trata de um nível sócio-económico baixo, observa-se muitas vezes comportamentos instintivos e insensatos.

2.2 - Terapia familiar

A terapia familiar surgiu no século XX como um forte instrumento de ajuda a pessoas e famílias com problemas diversos. Até então os doentes eram trabalhados individualmente, mesmo as terapias de grupo procuravam resolver os problemas de cada um dos seus elementos. Este tipo de terapia tornou-se pertinente porque muitas vezes o doente apresentava significativas melhoras no consultório, piorando após o regresso ao seio familiar (Barker, 2000).

Após a segunda Guerra Mundial, a terapia familiar desenvolveu-se como uma maneira diferente de lidar com os problemas das pessoas, muitos dos quais já tinham sido abordados em psicoterapia individual e de grupo. Teve subjacente uma nova conceptualização sobre o modo como esses problemas têm origem. Há uns anos atrás a ênfase era colocada nos processos intrapsíquicos, enquanto que a abordagem da terapia familiar se debruça nas interacções actuais que têm lugar entre os elementos da família, e algumas vezes, entre estes e outros sistemas sociais. Enfatiza também os factores multigeracionais e das família alargadas.

Os terapeutas familiares inicialmente trabalhavam sobretudo com doentes esquizofrénicos e com as suas famílias, mas acabaram por aplicar os seus métodos a todo o núcleo de perturbações psiquiátricas.

Hoje em dia, os terapeutas também dão maior relevância ao papel da psicopatologia de cada membro da família.

Muitos dos conceitos teóricos formulados no início da terapia familiar estão a ser reavaliados, e por vezes alterados.

2.2.1 - Indicações para a terapia familiar

É indicada a terapia familiar, quando há evidência de uma disfunção no grupo familiar, e quando esta disfunção está relacionada com os problemas para os quais se procura ajuda.

A terapia familiar indica-se também quando se pretende uma mudança no funcionamento da família. É difícil as pessoas virem à consulta queixar-se da forma como funcionam, normalmente a pessoa é levada à consulta, ou vai à consulta com determinados sintomas, sinais ou problemas de comportamento. A função do terapeuta é responder às necessidades do caso em questão. O terapeuta familiar geralmente lida com os problemas psicológicos em termos relacionais.

Assim, é enfatizada a oportunidade do uso da terapia familiar, considerando-se como uma forma especial de tratamento.

Considera-se terapia familiar, toda a terapia com uma ou mais pessoas que pertencem a um grupo familiar, visto que uma mudança num dos membros do grupo vai ter impacto no grupo todo (Poch, 2000). Se existe uma problemática no núcleo “família”, a psicoterapia familiar poderá ser a terapia mais indicada.

Nem sempre a terapia familiar deverá ser o principal tratamento, há terapias médicas e cirurgias que são prioritárias, por exemplo em doenças físicas, como o hipotireoidismo, cancro e outras. No entanto, as famílias com elementos mais afectados com estas doenças, podem necessitar de uma terapia familiar. Existem ainda algumas patologias, como sendo a esquizofrenia, em que o principal tratamento é farmacológico. Porém, o ambiente familiar, ou seja, as características dos membros da família, são de extrema importância, e poderão ajudar a evitar recaídas no paciente esquizofrénico.

2.2.2 - A Terapia Familiar Sistémica

Segundo Poch (2000), os principais antecedentes históricos desta terapia referem-se aos trabalhos de Ackerman e outros. As primeiras observações deste autor, mostram que o tratamento de um filho de determinada família levava ao desequilíbrio do casal, o que mostra a complexidade dos relacionamentos familiares. Este é um tema abordado pela Escola de Palo Alto, onde foi estabelecido um modelo para compreender o sistema comunicativo interfamiliar e que a nível técnico é conhecido como **terapia familiar sistémica**.

→ Pressupostos básicos

De acordo com Poch (2000), os pressupostos básicos da teoria familiar sistémica são:

- 1- Todos os membros da família estão inter-relacionados;
- 2- As partes da família não podem ser compreendidas isoladamente do resto do sistema;
- 3- O funcionamento familiar não pode entender-se pelo conhecimento individual de cada uma das partes;
- 4- A estrutura e a organização familiares são factores determinantes nas condutas dos seus membros;
- 5- O intercâmbio e a relação do sistema familiar moldam a conduta dos seus membros.

A base principal em que se fundamentou a Terapia Familiar foi a Teoria dos Sistemas Gerais, de Von Bertalanffy. Aplicando os conceitos e leis dessa teoria ao trabalho, com famílias, foi possível reconhecer homens e mulheres como parte de um todo mais amplo, como subsistemas de sistemas maiores. A família, para o psicoterapeuta familiar, transformou-se numa unidade, num único organismo, e desta forma, quando um ou mais dos membros do sistema colocavam um problema, a família passou a ser o lugar privilegiado para a intervenção terapêutica.

A terapia sistémica é encaminhada para o restabelecimento do equilíbrio energético do indivíduo, de modo a que um funcionamento e um intercâmbio mais adequado de fluxo de energia, entre os diversos subsistemas, possibilite a remissão do sintoma.

A Terapia Familiar tem amplas indicações, cujos limites centram-se nas questões dos pacientes e na experiência dos terapeutas. Esta terapia tem mostrado bons resultados em famílias com pacientes do tipo psicótico, famílias com transtornos psicossomáticos, toxicomanias, etc.

A literatura refere ainda outros pressupostos básicos da Teoria Sistémica Familiar, são eles:

- Qualquer sistema é um todo organizado e os elementos do sistema serão necessariamente interdependentes.
- As interações entre os elementos de um sistema serão circulares e não lineares.
- Os sistemas têm aspectos homeostáticos e mantêm a estabilidade dos seus comportamentos;
- A evolução e a mudança são inerentes aos sistemas;
- Os sistemas complexos estão compostos por subsistemas;
- Os subsistemas dentro do sistema mais amplo, estão perfeitamente delimitados e as interações entre eles estão governadas por condutas e normas implícitas;

Algumas conclusões acerca da terapia familiar sistémica:

A teoria dos sistemas, desenvolve-se partindo do conceito de causalidade mútua, da interação dos acontecimentos e da ideia de que o todo é maior do que a soma das partes. O sistema poderia definir-se então como um conjunto de elementos organizados que formam uma rede de partes interdependentes e coordenadas que funcionam todas elas como uma unidade. Desde esta perspectiva, a família considera-se como um conjunto de pessoas que interagem de forma regular e repetida através do tempo.

→ A família como um sistema

Muitos terapeutas familiares baseiam o seu trabalho na teoria sistémica, considerando a família como um sistema integrado e cada membro da família como um participante contribuinte. Segundo Minuchin *o sistema familiar é complexo, composto de subsistemas interdependentes; cada indivíduo é um subsistema, assim como cada díade pai-filho, irmãos, marido-mulher e avós-netos. As interações das pessoas dentro e entre subsistemas são controladas por regras e padrões implícitos, recorrentes e estáveis que são tanto mantidos como também criados por todos os participantes* (1985,

cit. Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1995, p.462). Nessa perspectiva, uma relação diádica específica como mãe-filha, nunca é independente e pode ser entendida apenas no contexto da família e dos seus vários subsistemas.

A família é um “sistema aberto”, o que significa que sofre períodos de estabilidade e de mudança. Muitos aspectos do sistema familiar e os padrões de interação dos seus membros, que se tornaram bem estabelecidos, mantêm o funcionamento da família de forma estável, adaptada e relativamente tranquila. No entanto, por vezes, as situações mudam radicalmente e, sob determinadas condições, os padrões estabelecidos são alterados, precipitando mudanças nas reacções emocionais e uma reestruturação dos relacionamentos. Deste modo, podem surgir objectivos individuais e familiares novos e diferentes. Devem ser tentadas e exploradas alternativas para o sistema familiar estabelecido e o sistema familiar, bem como os seus vários subsistemas, devem ser reorganizados e consideravelmente mudados.

A teoria dos sistemas e a experiência dos terapeutas familiares desafiam as formas tradicionais de pensar sobre o desenvolvimento da criança. Assim, se as crianças são consideradas como participantes interdependentes que contribuem para os sistemas e os subsistemas que controlam os seus comportamentos, devem ser estudadas no contexto da organização e funcionamento das suas famílias, pois não podem ser estudadas significativamente se forem isoladas da família e dos seus subsistemas.

Esse argumento implica que díades como mãe-filho não sejam as únicas unidades salientes para as pesquisas, mas sim, que uma variedade de sistemas que ocorrem naturalmente deve ser vista como unidades e constituir os alvos de estudos sistémicos sobre o desenvolvimento. Esse tipo de pesquisa é necessário para determinar como os padrões de relacionamento são estabelecidos e mudados, e como cada subsistema se relaciona com a personalidade da criança e o seu comportamento social.

Em síntese, de acordo com Minuchin a experiência de terapeutas familiares é um convite para se estudar a complexidade do... desenvolvimento no contexto, com atenção especial aqueles aspectos que os terapeutas raramente vêem e não ressaltam: as condições e parâmetros do funcionamento... saudável na família (1985, cit. Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1995, p.462).

2.3 - A escola e a sociedade

As dificuldades que as crianças encontram em se adaptar e mais tarde em se integrar no mundo que lhes é proposto pela sociedade actual dos adultos, são cada vez mais numerosas; a inadaptação da criança torna-se um fenómeno psicossocial.

Qvortrup (1986, cit. Amaral, Carvalho, Castro, Monteiro & Ventura, 1997) defende que o valor das crianças varia com as sociedades, ou seja, que os interesses dos adultos nas crianças variam com as sociedades em que ambos se inserem.

Segundo o sociólogo americano P. F. Drucker (Vayer & Destrooper, 1992), a sociedade transformou-se de uma maneira considerável, no decorrer destes últimos anos, e a escola não mudou. A escola actual não é melhor nem pior do que antigamente, mas ela já não está é adaptada à nossa época. Embora existam estas transformações na sociedade, a escola permanece como o local onde as trocas e comunicações podem conservar o seu significado para a criança.

É totalmente verdade que as aprendizagens escolares são uma necessidade para a criança, mas não podem constituir, por si só, uma finalidade, são apenas um meio para a criança adquirir autonomia em relação ao adulto. Na realidade, o que é importante para a criança, e o que será cada vez mais importante para a criança, perante a evolução da sociedade, é o desenvolvimento das aptidões gerais, o desenvolvimento das capacidades de adaptação à mudança, o que só se pode adquirir através de uma educação pensada em termos de desenvolvimento da pessoa através da acção.

É corrente dizer-se que os problemas da escola são os problemas da família e os problemas da família são os problemas da sociedade e que é preciso procurar a solução dos problemas da escola na família e dos da família na sociedade (Tavares, & Alarcão, 1992, p. 144).

Este mundo de incomunicabilidade onde cada um fala a sua própria linguagem, mas se recusa a ouvir o outro, torna-se necessariamente um mundo angustiante para a criança e para o adulto, e onde cada um desenvolve as suas próprias defesas face àquilo que considera como agressões.

Quando a criança não corresponde ao que o adulto espera dela, ou seja, quando surgem dificuldades particulares ou gerais diante das aprendizagens propostas, comportamentos diferentes daqueles que se observavam antigamente e na mesma situação, a criança é designada por inadaptada e classificada em função dos principais sintomas em relação à norma.

É necessário ter em conta que a criança no seu desenvolvimento e no seu acesso ao mundo encontra-se diante de duas ordens de dificuldades: as dificuldades devidas às modificações encontradas nas condições de vida (o desenvolvimento do ser da criança torna-se sensivelmente diferente do que era considerado como normal). Por outro lado, temos as dificuldades encontradas na utilização dos signos e símbolos subjacentes à situação escolar, pois quando os símbolos não correspondem ao que é a realidade da vida, a criança sente dificuldade em pôr em prática os seus conhecimentos.

Hoje em dia, um dos problemas que se coloca é a falta de tempo que os pais têm para os assuntos relacionados com a educação dos seus filhos. Posto isto, os pais “entregam” os seus filhos à instituição (escola), e depositam nela todas as responsabilidades e expectativas de que esta dê uma boa educação aos seus filhos, e esquecem por completo a responsabilidade que eles próprios tem neste campo de acção.

3. METODOLOGIA

“*Método*, palavra de origem grega, *meta* (para) + *odos* (caminho), significa caminho para se chegar a um termo ou uma direcção para um fim em vista¹. Assim, de uma forma mais simples, podemos dizer que o método é um conjunto de procedimentos ou de directivas que, seguindo numa determinada direcção, visa atingir um dado objectivo.

Tendo em atenção os objectivos do projecto optou-se pela aplicação do método activo. O conceito de **métodos activos** designa um conjunto de métodos em que o formando é voluntário.

Nestes métodos, o formando é o sujeito da formação. Baseiam-se na actividade, na liberdade e na auto-educação. O formando aprende por descoberta pessoal, vivenciando a situação. O formando constrói a resposta adaptada à situação. A situação de aprendizagem é pouco estruturada e interactiva.

O formador responsabiliza-se pela orientação e animação das situações e pela elaboração dos materiais pedagógicos necessários. Os métodos activos caracterizam-se com base nos seguintes critérios:

- **A actividade** – o formando aprende a partir da resolução de problemas, formula hipóteses, deduz e encontra uma solução;
- **A liberdade** – o formando escolhe e tem livre iniciativa no percurso da aprendizagem, e nas actividades. A sua escolha é baseada nos significados que atribui à situação formativa;
- **A auto-educação** – a pedagogia activa visa a autonomia do aprendente e o seu desenvolvimento pessoal e social.

¹ Paulo da Trindade Ferreira, Guia do animador na formação de adultos, Editorial presença, 6ª edição, Lisboa, 2007

A situação pedagógica é centrada nas actividades dos formandos, a relação é estabelecida com base nas interacções entre o formador e o grupo. A estrutura do raciocínio e os resultados da aprendizagem são da responsabilidade dos formandos.

Uma situação pedagógica activa depende das seguintes variáveis:

- **Novos papéis para o formador** – torna-se simultaneamente animador, participante, e observador. Assume-se como motor da acção pedagógica e conteúdo parcial dessa acção;
- **A relação individual e de grupo** – o formando situa-se em relação ao formador e em relação ao grupo. As interacções estabelecem-se face a estes dois outros;
- **O conjunto espaço / tempo, no decurso da formação, assume-se em três dimensões** – Externo ao grupo em formação (o formador informa-se sobre o que cada formando é, como vive fora deste momento); Espaço / tempo na sala de formação (o formador deve estar atento às solicitações dos formandos e oferecer-lhes o que tem); Espaço /tempo simulado (o formador/animador desloca-se com o grupo em duas dimensões: a realidade e a ficção (a vida profissional / a formação)).
- **O vivido** - cada momento vivido é uma etapa para que a relação pedagógica seja imaginativa, motivante e criativa;
- **O mundo exterior** - a formação deve estar ancorada na realidade profissional dos formandos.

3.1 - O espaço pedagógico

Uma situação pedagógica activa é difícil de controlar pelo formador, pois ela é pouco estruturada. A arquitectura e o espaço assumem uma função na caracterização do clima de aprendizagem. Para que as aprendizagens se realizem centradas na livre troca de ideias, é necessário que o espaço permita realmente as interacções entre os participantes. Para promover uma verdadeira comunicação intergrupala os dispositivos em círculo ou em U são os mais adequados.

A utilização de **metodologias activas de formação** requer um domínio das técnicas de comunicação e dinâmica de grupos.

Conclui-se que o recurso a tais metodologias facilitará a exploração de processos e significados relativos às vivências pessoais no desempenho das funções parentais

Assim, em virtude da variabilidade a nível da formação de líderes, deverá ser claro para os participantes qual o nível de qualificação do dinamizador das sessões. Também deverão ser clarificados os objectivos do programa, quer na fase de divulgação, quer na primeira sessão, devendo evitar-se garantias de sucesso após a intervenção.

Devem ser apresentadas aos pais as razões para as intervenções sugeridas, muito embora estes não devam sentir que têm que efectuar mudanças com as quais não se sentem confortáveis.

Os orientadores de grupos também deverão proteger os participantes de eventuais críticas de outros elementos do grupo.

Uma vez que a Educação Parental não significa terapia de grupo, o orientador deverá ainda assegurar que os participantes se mantêm focados na partilha de informação e na aprendizagem de competências, em lugar de interpretar o seu ou o comportamento de outros participantes.

Um outro aspecto é o de que os valores nos quais assenta o programa devem ser partilhados com potenciais membros do grupo, para que decidam se realmente desejam participar na intervenção.

Apesar de serem ilegais determinadas práticas, de que são exemplo o abuso físico, emocional e sexual das crianças, outras crenças acerca da função parental poderão estar dependentes do meio cultural de proveniência dos participantes, factor perante o qual o orientador deverá ser sensível.

De referir ainda que é importante ajudar os membros do grupo para que se sintam menos ansiosos acerca do facto de se encontrarem naquele contexto, apoiando-os no encontro de novas alternativas a nível do desempenho das suas funções parentais

4. PROGRAMA

28 de Maio de 2008

1ª Sessão – *Vamos conhecemo-nos*

Formadoras: Dra. Carla Alves prof. do Ensino Especial no Agrupamento de escolas de Souselo, Dra. Marisa Oliveira, Vice-Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento Vertical de Escolas de Souselo e membro da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo de Cinfães, Dra. Telma Barbosa, psicóloga da Paróquia de Souselo.

4 de Junho de 2008

2ª Sessão – Higiene e Segurança Alimentar

Formador: Dr. Fernando Fernandes – Nutricionista e engenheiro alimentar na Gertal – empresa responsável pelo Serviço de Refeições do Município de Cinfães.

18 de Junho de 2008

3ª Sessão – A importância da dimensão sócio-afectiva no crescimento saudável das crianças.

Formadora: Dra. Susana Pereira - Psicóloga da Câmara Municipal de Cinfães e membro da Comissão da Protecção de Crianças e Jovens em Perigo de Cinfães.

1 de Julho de 2008

4ª Sessão – Avaliação e reflexão final

Formadores: Grupo da Educação Parental (representantes das instituições parceiras do projecto)

Parcerias:

- Agrupamento Vertical de escolas de Souselo
- Associação de Solidariedade Social de Souselo
- Associação de Solidariedade Social de Nespereira
- Câmara Municipal de Cinfães
- Comissão de Protecção de crianças e jovens em perigo de Cinfães
- Junta de freguesia de Souselo

4. CONCLUSÃO

1ª Sessão

Auto e Hetero - Apresentação

2ª Sessão

Princípios Nutricionais e Regras de Higiene

3ª Sessão

Crianças do sec. XXI – a importância da dimensão sócio-afectiva no crescimento saudável das crianças

3ª Sessão

Conclusões e Reflexão Final